

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 45. — SABBADO, 8 DE NOVEMBRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 23100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 53000.

SUMMARY.

Carta do privilegio do reino de Portugal, dada por el-rei D. Manuel, em 27 de março de 1499, sobre a successão das corôas de Portugal e de Castella — O Castigo do Senhor (continuação) — Estatuas equestres de Henrique IV de Franca, e Pedro o Grande da Russia — A Silva — Spbinge — D. fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas (conclusão) — Constancia de jesuita (conclusão) — Narrativas e lendas (continuação) — Conde Granville e lord Wodehouse — Origem da palavra Cariatides — Aphorismos — O sapateiro d'escada (continuação) — Chalet das ilhas de Neva — Monumentos da campanha da Crimea — Chronica Semanal.

GRAVURAS — Chalet das ilhas de Neva — Monumento do general della Marmora — Monumentos sardos em Balaklava — O conde Granville — Lord Wodehouse.

CARTA DO PRIVILEGIO DO REINO DE PORTUGAL, DADA POR EL REI D. MANOEL, EM 27 DE MARÇO DE 1499 PARA O CASO EM QUE O PRINCIPE D. MIGUEL DA PAZ, SEU FILHO, SUCCEDESSE NAS COROAS DE CASTELLA E DE PORTUGAL, REGULANDO-SE O MODO PORQUE PORTUGAL HAVIA DE SER GOVERNADO, RESIDINDO O REI NOS SEUS OUTROS REYNOS.

Dom Manoel, por graça de Deos, Rey de Portugal e dos Algarves, daquem e dallem mar em Africa, Senhor de Guiné. A quantos esta nossa Carta virem fasemos saber, que considerando nós como a nosso Senhor aprouve que o Principe Dom Miguel meu sobre todos muito amado, e presado filho ser herdeiro de Castella, e de Leão, e de Aragão, e de Granada, e doutros muitos Senhorios, & E assy como agora he herdeiro daquelles Reynos, e destes nossos de Portugal e dos Algarves, assy quando a nosso Senhor aprouver de os herdar todos será Rey delles todos, e por isso he muita razão que assy como desta maneira estes Reynos serem juntos, que se dê forma como se possam reger, e governar estes nossos Reynos, como compre a serviço de Deos, e nosso, e do dito Principe meu filho e dos outros herdeiros, que depois delle vierem, e bem destes ditos nossos Reynos, e o mais sem escandalo delles que ser poder, e porque a principal cousa que para isso he necessaria he que o dito Principe meu filho, e os que depois delle vierem governem as cousas destes Reynos por officias naturaes delles, e que todallas cousas delles encomendem, e nom a estrangeiros, que nem sabem os costumes da terra, nem se podem tambem conformar como os outros naturaes delles, porem considerando todo acordamos de per esta nossa Carta ordenar, e declarar a maneira, que se em todallas cousas destes Reynos tenha, assy em vida do dito Principe meu filho, como de todollos outros herdeiros, e successores, que depois delle vierem, e delle descenderem que estes Reynos todos juntamente herdarem, e queremos, e nos praz, que esta nossa Carta, e a determinação que por ella fasemos, com todo o nella conteudo, tenha força e vigor de lei assy como se fosse feita em Cortes, em maneira que estes ditos nossos Reynos possam govir do privilegio, que lhe por ella outorgamos para sempre, para que estando juntos com os de Castella sejam sempre regidos, e governados, e as cousas delles amenistradas na maneira seguinte. Item Primeiramente ordenamos, e mandamos, e poemos por lei que quando quer que a nosso Senhor aprouver de o dito Principe meu filho herdar estes Reynos, ou qualquer de seus herdeiros, que depois delle vierem, que todollos officios da justiça delles, assy o Regedor da Casa da

Supricaçam, como o da Casa do Cível, e Chancellor Mór, e Chancellor da Casa do Cível, e Desembargadores do agravo, e das petições, e Juiz dos nossos feitos, e Corregedores, e todollos outros Desembargadores damballas casas, e Corregedores das Comarcas, e Meyrinhos, assy da nossa Corte, como quaesquer outros Escrivaens de todollos ditos Officios, e bem assy de todollos outros officios de justiça de qualquer callidade que sejam, assy grandes como pequenos, e Meirinhos, Escrivaens, e Tabelliaens, que todos nam se dem, nem os possam haver escrepver Estrangeiros, e os tenham todos Portuguezes. Item que se nestes Reynos se houver de poer lugar-tenente, ou Vix Rey, ou Governador, ou Assistente, ou Adientado, hora seja um, ou mais numero de qualquer destes officios, ou doutros semelhantes, que se não possam dar senam a Portuguezes, em maneira que nem no Reyno, nem nas Comarcas, nem nas Cidades, Villas, e Lugares se não meta na governança, nem officios delles outra pessoa alguma senão Portuguez. Item que a casa da Supricaçam munca seja tirada fóra destes Reynos, ante sempre esté residente nelles. Item que quando quer que o dito Principe meu filho, ou qualquer de seus herdeiros vier a estes Reynos, que logo que nelles entrar, todollos officiaes de Castella, e de Aragão, que trouxer, leixem as varas da Justiça, que trouxerem, e as tomem os officiaes Portuguezes, e dy por deante toda a Justiça de sua Casa, e Corte se reja pollos officiaes Portuguezes, e nenhum outro official Estrangeiro tenha jurisdicam em cousa alguma em quanto em Portugal estiver, salvo que os do seu Conselho, e officiaes de Castella, e de Aragão, possam entender nos negocios,

e cousas que dos ditos Reynos vierem. Item que nestes Reynos sempre haja estes officios, a saber Mayordomo Mór, Camereiro Mór, Almotace Mór, Guarda Mór, Porteiro Mór, Monteiro Mór, Aposentador Mór, e Aposentadores, Capellam Mór, e Esmoler, os quaes sejam Portuguezes, e quando o dito Principe meu filho, ou cada um de seus herdeiros, vier a estes Reynos, entretanto que nelles estiver, estes todos sirvam seus officias per sy, e nam outros alguns. Item quando o dito principe meu filho, ou cada um de seus herdeiros, estiverem em Castella, ou em Aragão, ou em qualquer outra parte dos ditos Reynos, e Senhorios delles, ou honde quer que seja fóra de Portugal sempre tragão consigo Chancellor Mór, e Desembargadores de petições, e Escrivam da Puridade, e Escrivaens da Camara, e algum Vedor da fazenda, e Escrivão della, que sejam Portuguezes, para que por elles, e com elles se despachem todollos negocios de Portugal, em que la se houver de entender, e todollos despachos que a Portugal se enviarem, e todallas cartas, e doaçõens, e privilegios, e sentenças, e quaesquer outras Escrituras, ou Alvaras que se houverem de enviar, ou fazer de cousas destes Reynos, tudo se faça em linguagem Portuguez. Item que os Vedores da Fazenda destes Reynos, ou de Lisboa, e Porto, se os hy houver, Escrivaens da Fazenda e Contador Mór, e Contadores das Comarcas, e Contadores dos Contos da dita Cidade de Lisboa, e Almoraxifes, e Recebedores, e Juiz de Alfandega, e Juizes das Sizas, Escrivaens de todos estes officios, e quaesquer outros officios de fazenda, grandes, e pequenos, se nam dem, nem os tenham senão Portuguezes, nem assy mesmo nenhum outro officio do Reyno, assy de Capellas, e Rezidos, e Orfãos, e Cativos, e obras, como quaesquer outros de qualquer callidade que sejam. Item que os officios de Camlestabre, Almirante, Fronteiros Mores, Alfes Mór, Marichal, Capitão do Mar, Capitão dos Guinetes, e quaesquer outras capitancias do Reyno, nam se dem, nem as possam haver senão Portuguezes. Que quando quer que se houverem de servir de alguma gente do Reyno, assy por mar como por terra, que sempre o Capitão, que fór della, seja Portuguez. Item que as Capitancias das partes de allem em Africa, de toda a conquista que pertence a Portugal, assy do ganhado como do que está por ganhar, quando se ganhar, não se dem senão a Portuguezes, e bem assy todollos outros officios, e couzas se rejam naquellas partes, assy como por esta nova Carta está declarado que se faça em Portugal, e assi mesmo as Capitancias das Ilhas, assy das que sam achadas, como das que se acharem da qui a deante, que pertençam a Portugal, nam se dem senam a Portuguezes, e todollos officios, e couzas delles se rejam como por esta nossa Carta está declarado que se faça em Portugal. Item que o trato de Guine, e a Casa della esté sempre nestes nossos Reynos de Portugal, e delle se traute, e governe como hora faz, e os Feitores, Thezoureiros, e Escrivaens della, e todos os outros officiaes, e o Capitão, e Alcaide Mór, e Feitor e outros officiaes, e pessoas, que estão no Castello da Cidade de São Jorge da mina, ou em quaesquer outras fortalezas, que naquellas partes estão feitas, ou se fizerem, e os Capitães, Escrivaens, e marcantes, que forem, e vierem nos navios que andam no dito trauto, e todallas ou-



Chalet das ilhas de Neva

tras pessoas, que no dito traute andarem, sejam Portuguezes, e naveguem em navios do Reyno. Item que os officiaes das Cazas das moedas destes Reynos sejam todos Portuguezes, e todo o ouro que vier da Mina, e de Guiné se lavre em ellas em cruzados. Item quando querque se houverem de fazer Cortes sobre cousas tocantes a estes Reynos, e Senhorios fação-se dentro nelles, e não em outra alguma parte, e não se possam chamar Procuradores delles para Cortes, que se fóra dos ditos Reynos fizerem, nem se possa em Cortes, que fóra dos ditos Reynos de Portugal forem feitas, trautar, propoher, nem detreminar cousa, que aos ditos Reynos, e Senhorios, ou pessoas delles pertença, ou pertencer possa por qualquer modo, ou maneira que seja, e queremos, e mandamos, e estabellemos, e ordenamos do nosso moto proprio, certa sabedoria, absoluto, e plenario poder, suprimindo qualquer defeito que ácerca das ditas couzas, ou cada uma dellas de feito, ou de direito, se possa opoher, que todo o em cima contheudo se guarde, cumpra, e mantenha para todo o sempre, e haja força, e vigor de ley, ou privilegio, ou de qualquer outra concessam, e beneficio, ou por qualquer outro modo, porque todallas sobreditas couzas, e cada uma dellas mais cumpridamente possam valler, e aver effeito como dito he, e mandamos, e rogamos, e encomendamos ao Principe meu sobre todos muito amado e prezado filho, e a todos os que delle descenderem, e os ditos Reynos de Portugal herdarem, que cumprão, guardem, e mantenhão, e cumprir, e guardar, e manter façam todo o acima contheudo sem mingoar cousa alguma, e fazendo-o assy, como delle e seus successores esperamos, sejam bentos da benção de Deos Padre, Filho, e Espirito Santo, e da Virgem Gloriosa Maria, e dos Bemaventurados Apostolos São Pedro, e São Paulo, e de toda a Corte celestial, e da minha, e em testemunho de todo mandamos fazer esta nossa Carta assinada per nós, e assellada do nosso sello de chumbo.

Dada em a nossa mui nobre, e sempre leal Cidade de Lisboa, a vinte sete dias do mez de Março. Antonio Carneiro a fez, Anno de nosso Senhor Jezu Christo de mil quatro centos noventa e nove annos

Et. Rev.

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Continuação

XII

O CRIME POR ALTAR.

Saira Fernando no auge da desesperação e correria sem demorar-se um só instante ao logar em que Laura o conduzia, e onde vira mudar o seu destino, onde emfim fóra preferido por Eduardo no coração de sua irmã.

No momento em que chegou, todos ou quasi todos ali se achavam; faltava porém o Filho da Tormenta, amigo verdadeiro do chefe, e a quem Fernando pedira que saísse do palacio havia já tres dias sob o pretexto de comprar ou trocar dois cavallos em uma feira que nas proximidades havia.

Todas as vezes que ali viera desde aquella noite fatal empregara elle em se fazer estimar pelos bandidos, mas que fosse essa estima respeitosa, quasi que o conseguira já; se sua raiva quiz precipitar o crime, e Fernando entrando ali exclamou:

— Estas atraçoados. O chefe é um traidor. Juro que é verdade: dentro em pouco elle, Laura, e esse estrangeiro fugirão d'aqui, sei tudo porque Pauline queria que o acompanhasse.

O plano era infame, mas nada mais aparentemente verdadeiro do que ser Fernando o primeiro, ou dos primeiros que soubesse da fuga do Castigo do Senhor, e ainda por aquelle motivo justissimo de querer levar o que amava como filho.

— Se é assim, que deveremos fazer? Disse um dos salteadores.

— Oppor, continuou Fernando, a força em face da traição. Resistir, arrancar-lhe o titulo de chefe, e impedir que elle, ou qualquer d'esses estranhos que o pretendem acompanhar possam levar ao mundo o segredo, por que deveis temer ainda mais do que eu.

O poder de todas as paixões mais presidia ao animo do filho rebelde, mas inda a potencia do crime deveria distillar-lhe do coração muito mais fel, para opprimir os entes que lhe tinham sido caros.

Uma voz fez-se ouvir d'entre a multidão que dizia viduosa ainda:

— Todos nós respeitamos o Castigo do Senhor, qual de nós irá resistir-lhe cara a cara? o que fór, morrerá talvez.... quem assegura a resistencia unanime; eu por mim, se me dessem tal encargo juro que o recusaria. E bradando mais alto perguntou de novo: Quem será o guia que nos conduza?

Houve silencio d'alguns segundos, que só foi interrompido pela voz de Fernando, que dizia tranquillamente:

— Serei eu.

N'este momento Paulino entrava a porta do quarto a

que chamavam sala, trazia uma carta na mão, ia ao encontro de Fernando quando ouviu bradar ousados aos que elle cria seus amigos:

— Prendei-o, é o traidor de que vos fallei.

E Paulino que parava espantado olhando Fernando, estremeceu bem depressa, sentindo-se preso pelos braços. Eram os seus complices que o atraçoavam.

— Justiça! Justiça! exclamou o chefe, introduzindo entre o collete a carta que trazia, o que ninguem attendeu, porque Eduardo e Laura acabavam de entrar ali, nem mesmo ninguem ouviu o que dissera o Castigo do Senhor: Não és digno d'uma tal irmã!

Laura apoiada ao braço de Eduardo tinha visto seu pae ir ao quarto de seu irmão, tinha-o visto sair dizendo que o não encontrara e a menina tremeu por ambos; seguiu seu pae, foi andando machinalmente, queria parar em nome do terror, mas era impellida pela força de amizade, chegou ali alguns segundos depois do chefe, vendo a vileza de seu irmão, que ella julgava adoptivo apenas, quiz ver se impedia o crime. Deus não quiz.

O Castigo do Senhor estava extatico, pregado ao solo nem resistia, lia-se-lhe na fronte pallida a convicção profunda de que era uma expiação da sua vida.

Fernando disse ainda:

— Levae-o para o quarto junto da capella, veremos o que nos cumpre fazer.

Os que o seguravam deram alguns passos, o antigo chefe deixou-se conduzir. Eduardo e Laura chegavam então.

— Fernando, dizia ella, pára, não prosigas, isto não é crível, isto é mais do que infame.

— Deixa-me, bradava elle; dos crimes, do delirio que eu antevejo no futuro, és tu a causa.

— Ah! é muito, disse Eduardo tomando uma espada das muitas que pendiam da parede: morrerei mas não deixarei commetter tão grande crime junto a mim.

No rosto de Fernando luzia n'este momento todo o fulgor do ciúme e do odio; odiava Paulino porque não obrigara a menina ao cumprimento das suas promessas, mas odiava ainda mais aquelle homem que lhe roubara o coração adorado, e no momento em que Eduardo fallara, Fernando rapido como o pensamento caiu sobre elle covardemente, e dando-lhe uma punhalada sobre o peito, tentou desarmal-o da espada que o amante feliz da menina Laura já brandia, mas não evitaria o golpe se um braço robusto não segurasse o braço do mancebo, depois vacillou, caiu, mal pudera convalescente ainda e sem forças supportar o peso de tantos braços, da perda de novo sangue, e das magoas de tantas dôres moraes.

O grito que saiu da alma de Laura ao ver Eduardo ferido de novo, e ferido por Fernando, ninguem o poderá traduzir descrevendo-o, era a innocencia inspirada pelo odio.

— Uma vingança tremenda, disse ella junto de Eduardo, pesa sobre ti, Fernando Rogero.

Mas Fernando sem a attender renovou aos seus que levassem o velho onde dissera. E o Castigo do Senhor saiu da sala, com os miseraveis a quem chamava amigos, e caiu sobre o solo do quarto em que o abandonaram, fechado e sem luz, banhado no pranto que emfim lhe rebentou do coração.

As lagrimas são o baptismo de Deus nas horas de tremendas agonias: se não fóra o pranto, Paulino ou perdera a vida ou a razão.

Fernando sem attender a nada mais que ao seu desejo de vingança, dirigiu-se a sua irmã, que afogava as lagrimas no sangue do seu esposo promettido, e bradou-lhe:

— Laura, ou por força ou por vontade, serás minha esposa.

— Nunca, nunca! tornava a desditosa, tu Fernando és muito infame, mas o teu poder destruidor não pode nada em face da minha vontade; matas-me?... e que me importa! Não terei nunca a deshonra de me chamar tua mulher.

— Enganas-te, Laura, dizia com voz tremula e pausada o novo chefe, e um sorriso cynico lhe contrahia as feições; enganas-te... Levantae os vossos punhaes sobre esse homem!..... Ou ser minha ou vê-lo morto. Escolhe.

Eduardo, que tudo ouvira, quiz erguer-se, faltaram-lhe as forças, e caiu sem sentidos no sobrado.

A resposta de Laura foi lançar-se sobre o corpo do infeliz e bradar:

— Não, não, primeiro heide morrer.

— Laura, bradou Fernando de novo, nem um momento de defesa. Escolhe. Assim poderás salvá-lo, aliás morrerá.

— Deus, tornou Laura, hade valer-me. Não, não serei tua mulher.

E o braço violento do homem que desejava ligar-se a uma mulher diante do altar do crime, afastou a debil menina, que debalde tentaria resistir, e bradou:

— Matae-o.

Vinte punhaes estavam sobre Eduardo sem accordo; elle ia morrer aos olhos de Laura, ella sentiu que as forças iam faltar-lhe, uma nuvem estava diante d'ella, e só pôde dizer:

— Fernando, sou tua esposa!

E cairia sem tino se os bandidos que ali se achavam não a tomassem nos braços.

Agora, bradou elle como victorioso, serás minha até ao sepulchro.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

ESTATUAS EQUESTRES DE HENRIQUE IV DE FRANÇA, E PEDRO O GRANDE DA RUSSIA.

É muito curiosa a historia da estatua equestre de Henrique IV de França, a mais antiga d'este paiz, e tão curiosa que nos parece digna de figurar n'um jornal como este. Está levantada no meio da Ponte Nova, e ainda assim foi tambem o acaso que ahi a fez erigir.

Certo grã-duque de Toscana que a tradição diz chamar-se Fernando, encarregou um tal João de Bolonha, habil escultor florentino de lhe fazer um cavallo de bronze. N'esse tempo não se completavam ainda as estatuas equestres só de um jacto, e é de presumir que os intentos do grã-duque, era fazel-a sobremontrar depois pela sua effigie.

O principe e o artista morreram antes de terminada a obra, e Cosme II encarregou ao artista Pietro Tacca de dar-lhe a ultima demão. Era este tão bom escultor como o primeiro. O principe, apenas se concluiu tão excellente trabalho, mandou-o de presente á sua prima Maria de Medices, rainha de França, que regia a França depois do assassinio de Henrique IV.

O cavallo foi embarcado em Liorne, mas succedeu que o navio onde se transportava fosse a pique junto ao Havre, nas costas da Normandia. La ficou esta obra prima de fundição um anno mergulhada n'aquellas aguas, d'onde finalmente se tirou á custa de grandes fadigas e despezas, e nos primeiros dias de maio de 1613 foi transportada para o Havre, e d'ahi para Paris, pois que a rainha já havia resolvido empregal-a na estatua que queria levantar á memoria do principe seu marido, cuja morte ella, com a França inteira, lamentava.

Confiou a obra ao escultor francez Dupré, e a Francavilla ou Francheville os baixos relevos do pedestal.

A dedicação d'este monumento foi feita com grande pompa e solemnidade. Gravou-se no cavallo uma inscripção em idioma francez contendo a data da inauguração, os nomes dos magistrados em presença dos quaes se erigiu, ou por cujos cuidados se levou a effeito, e os nomes dos artistas. A inscripção figura-se escripta n'um pergaminho em forma de rolo.

Antigamente havia em Roma uma formosa estatua em bronze representando tambem este monarcha. Foi-lhe erigida em memoria da sua conversão á religião catholica.

Quando Catharina II, imperatriz da Russia, resolveu erigir uma estatua equestre a Pedro o Grande, encarregou este trabalho ao artista francez Falconet. O habil artista imaginou dar-lhe por pedestal uma rocha escarpada, como allegoria ao lamentavel estado em que o legislador da Russia encontrou o seu imperio. Era necessario porém descobrir uma massa de pedra que pela sua forma e volume correspondesse á grandeza do projecto, e já se desanimava de o conseguir quando o acaso serviu muito bem os desejos.

Foi precisamente na occasião em que menos se pensava em tal, que se encontrou um rochedo no meio d'um largo pantano, e que logo á primeira vista pareceu apropriado ao intento. Foi medido exactamente, e reconheceu-se que a altura, tomada da linha horisontal era de vinte e um pés, tendo quarenta e dois de largura e comprimento.

Só a idéa de deslocar aquella immensa mole desanimava os mais audaciosos; mas nem assim se renunciou á execução do projecto. Falconet, coadjuvado pelo ministerio russo, formou um projecto, digno pelo arrojo, dos antigos habitantes do Egypto, ou dos primeiros romanos — resolveu-se a transportar tamanho rochedo para a capital, que distava do local nada menos que quarenta e uma milhas inglezas.

Deu-se principio á obra escavando em torno d'aquella massa de pedra com o natural receio de que a parte descoberta fosse o pico d'um rochedo que penetrasse até ás entranhas da terra. Grande foi, porém, a alegria, quando por fim se reconheceu que estava inteiramente isolada, e collocada ali como por milagre.

A esta singularidade juntava-se outra não menos notavel, e era que em todo aquelle vasto pantano, e seus suburbios não se descobriu uma unica pedra, nem materia analoga áquelle maravilhoso rochedo, que podesse ter servido á sua formação.

Achou-se mais que um raio lhe havia prejudicado um dos lados, e quando se tratou de separar a parte offendida, que penetrava até ao interior, descobriu-se em vez de partes homogeneas, variada porção de pedras finas e preciosas; eram cristaes, agathas, topazios, corallinas, amethystas no corpo solido do rochedo, offerecendo á vista um espectáculo tão novo como surpreendente, e ao sabio um objecto digno das suas investigações.

Estas maravilhas, reunidas pela mão da natureza n'aquella rocha, aguçaram mais o desejo de não poupar nem fadigas, nem trabalhos, nem despezas para a arrancar d'ali, e elevar com ella um monumento digno á memoria d'um dos mais famosos monarchas.

Para a conduzir, porém, a S. Petersbourg era preciso salvar grandes alturas, atravessar immensos pantanos, e caminhos mattagosos; embarcal-a em muitos rios, fa-

zel-a descer pelo Neiva, desembarcal-a, e carreteal-a por terra até ao logar do seu destino.

Para de uma vez darmos uma idéa da empresa e dos trabalhos que foram mister, bastará dizer que esta massa enorme, calculada geometricamente, tem de peso tres milhões e duzentas mil libras. O maior obelisco conhecido, que é o que Constancio, filho de Constantino o Grande, fez transportar de Alexandria para Roma, pesava unicamente novecentas e sete mil setecentas e oitenta e nove libras: isto é, a terça parte do peso do famoso pedestal da estatua erecta á memoria de Pedro I.

Tudo venceu a arte e o ingenho do homem. O rochedo serviu para o fim escolhido, e a estatua de Pedro o Grande lá campeia em S. Petersbourg causando pasmo a quem conhece a historia do seu pedestal.

A SILVA.

Pobre Silva! Quem podera
Dar-te brilho, e dita, e luz,
Quando o sol da primavera
Aos jardins vida conduz!
Porém pobre, triste arbusto,
Um negro fado robusto
Negras sinas te fadou!
Nos jardins cercam as flores
Mil cuidados, mil amores,
Mas a ti ninguem te amou.

Em quanto mão cuidadosa,
Vem dar vida a tanta flor,
Vem a foice despiedosa
Dar-te a morte em negra dôr!
Pobre silva!... a natureza
Contra ti ergue a braveza
D'uma atroz devastação!
Qual foi, silva, teu peccado,
Para assim ser esgotado
Fundo calix d'expição?!

O sol ardente do estio
Te requeima em seu calor,
E a revolta agua do rio
Abysmo cava em redor!
És dos jardins arrancada,
És planta amaldiçoada
Que fraco arrimo não tem!
De si a terra te afasta
Como terrivel madrasta
Sendo a todos terna mãe!

Mas quiz o poder da sorte
Dar-te força em tal rigor;
Creando-te, silva, forte
Das procellas ao fragor!
Dos jardins tu és expulsa,
Mas nova seiva em ti pulsa
Nos valados dando a lei.
Dos homens soffrendo a guerra,
Ergues throno então na serra
Cingindo c'róa de rei.

Tu sorris d'essas florinhas
Que não tem vigor em si,
O teu caminho caminhas
Vivendo, silva, de ti:
Quando o sol em furias arde
Soffres tu, e pela tarde
Tu sorris á viração!
Do inverno ao frio, aos gelos
Tu não tremes, ao vencel-os
Tem mais força o coração.

Amo-te, silva, a desgraça
Sempre te encontrou de pé;
Esgotas como eu a taça
Da vida como ella é!
A miseria dá conforto!
Vendo o porvir quasi morto
Vamos sorrir ao baldão!
A alma luta, e pendida
Vae pairar quasi sem vida
Nas ruinas d'um volcão.

Amo-te, silva, de gala
Não sabes vestes trajar.
Mentidos prantos de sala
Tu não sabes derramar,
Que a tua alma quando chora,
Verte só da negra amora
O sangue de tanta cruz!
Teus espinhos aguçados,
Lutam, valentes soldados,
Co' a mão que a morte conduz.

Amo-te, silva, que é nobre
Jámais a fronte curvar,
Quando a desgraça nos cobre
A desgraça então calcar!
Ricos então d'egoismo
Pela dôr do scepticismo
Só tem força o coração!
Foi cada ente inimigo
Que soffra pois o castigo
De roubar tanta illusão.

Toda a terra me condemna
A viver igual a ti;
Toda a afeição foi pequena
Comparada ao que eu senti!
Em troca d'esse abandono
Como tu formei um throno
D'isolamento e de dôr!
Da terra nada m'importa,
Já nem minha alma conforta
Morta saudade d'amor.

Pobre silva!... E foi-te sina
D'alto crime ser a ré,
Nem salvou fronte divina
Pura grinalda da fé:
Na guerra eterna sonhada
Foste, silva, malfadada,
Tiveste um negro condão.
Que na morte do Messias,
Tu foste nas agonias,
Coróa de maldição!

Coimbra, junho de 1855.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

SPHINGE.

A sphinge é um monstro fabuloso representado pelos pintores e esculptores com cabeça e pescoço de mulher, e corpo de leão.

Esta singular representação significava de certo que a força e a coragem deviam defender constantemente as graças e a fragilidade da mulher, ou occultava então qualquer outra allegoria d'esta especie.

Taes figuras monstruosas collocavam-se como ornatos nas frentes dos templos, ou sobre as portas, ou nos tumulos. Nos sepulchros de certos reis do Egypto tambem havia algumas, porém mais gigantescas.

O viajante inglez Ricardo Pockoeke diz que o rei do Egypto Amasis fizera esculpir uma para seu sepulchro, que tinha cento e quarenta e tres pés de comprimento, e sessenta de altura: a circunferencia da cabeça era de cento e dois pés, quatro de largo, e cada orelha com dois pés de comprimento; a parte inferior do pescoço tinha trinta e tres de largo, e vinte de espessura.

Esta sphinge encontra-se junto ás pyramides do Cairo, e estava enterrada na areia, tendo unicamente visivel o pescoço e a cabeça.

Se este colosso dava oráculos antigamente, como o presumem muitos autores, seria por artificio dos sacerdotes, que por conductores subterraneos se dirigiam ás concavidades feitas secretamente, e assim respondiam ás perguntas que ali se iam fazer.

A figura d'esta sphinge representa uma mulher até meio corpo, e na opinião de certos sabios é o busto da cortesã Rodolfa, que nasceu em Corintho, e foi ternamente amada por Amasis. Que prova mais veementemente podia este monarcha dar do seu amor? Não era por assim dizer, sepultar-se no seio da sua amante?

Ainda os amantes modernos se não lembraram de certificar por uma prova tão expressiva e delicada, que a sua paixão é eterna.

D. FR. MANUEL DO CENACULO VILLAS-BOAS.

Conclusão.

Aqui tem logar transcrever do academico a que nos temos reportado, as suas proprias palavras sobre varios serviços que D. fr. Manuel do Cenaculo prestou ao paiz:

«Com que outro fim emprehendeu elle ajuntar com excessiva despeza a mais ampla e exquisita livraria, que entre nós nunca ajuntou particular algum? pois que além de conter mais de cem mil volumes impressos, e manuscritos, continha tambem um museu precioso de produções da natureza e das artes, e um monetario de mais de sete mil medalhas de grande estimação e raridade!

«Por certo não adquiria tão grandes preciosidades o sr. bispo de Beja, para as esconder ao uso da litteratura com soffreguidão avarenta, ou para nutrir com ellas uma curiosidade estúpida; mas para convocar os curiosos a desfructarem estes thesouros da sabedoria, dos quaes formou muitos e utilissimos depositos; podendo-se dizer com

verdade, que em seus dias não se instituiu em Portugal livraria alguma de consideração, em que elle não tivesse uma parte muito principal.

«Assim a bibliotheca de sua alteza real, a da mesa censoria, e a do convento de Jesus devem á efficacia do seu zelo, e á sua liberalidade, ou accrescentamento, ou consistencia: e quando elle recusava modestamente a quantiosa somma que el-rei Catholico lhe offerencia pelas suas collecções particulares, dotava com a maior generosidade a real bibliotheca publica de Lisboa, e deixava ainda um grande remanescente, com o qual depois instituiu a da mitra de Beja, e a publica da igreja de Evora, não fallando nos ricos mimos de livros e manuscritos raros que brindava a muitas pessoas, que com elle tinham relações de amizade e commercio.»

Vejamos mais detalhadamente o valor dos seus preciosos donativos.

A livraria do convento de Jesus não só deu os livros que se compraram para o collegio de Coimbra, e outros durante o seu provincialato, mas doou-lhe todos os que eram do seu uso, quando se recolheu ao bispado de Beja, e entre estes um exemplar da Biblia moguntina, de grande raridade e estimação.

A bibliotheca publica uma collecção de livros de grande estimação e preço, uma collecção de manuscritos, uma collecção de mappas, plantas, estampas etc., e uma numerosa collecção monetaria de mais de tres mil medalhas não multiplicadas, de cobre, prata, e oiro.

A livraria de Beja foi avaliada em cerca de nove mil volumes.

A de Evora foi instituida com cincoenta mil volumes impressos, e manuscritos de apreço, e com uma collecção de pinturas insignes, outra de raridades historicas, e um riquissimo monetario.

Aos religiosos Paulistas de Lisboa, e aos missionarios Brancanes da Serra d'Ossa deu tambem valiosissimos presentes de livros.

Á sua familia legou uma livraria de quinhentós volumes.

Trinta e dois annos governou a diocese de Beja, quando foi nomeado arcebispo de Evora no anno de 1802. Abi levou o gosto dos estudos, creando estudos como na outra diocese. Os acontecimentos de 1807 amarguraram-lhe a existencia, e só algum allivio encontrou aquelle coração patriótico, quando rebentou a revolução de Evora, não hesitando em collocar-se á frente da junta que então se instituiu.

N'esta conjuntura vejamos como o seu chronista relata o grande feito que salvou Evora dos horrores de um saque.

«Então vae direito á sua cathedral, une a si o clero e o povo, e do alto do throno pontifical manda propor capitulação ao inimigo, com firme resolução de se votar pela salvação da cidade, se tanto fosse necessario. E com effeito tanto era necessario; pois já a tropa vencedora penetrava o interior do santuario, espalhando no asylo da paz o terror e a morte; quando o virtuoso prelado desce do solio, e rompendo por entre as granadas, os tiros, e os ferros dos inimigos, consegue fazer ouvir a sua voz, que supplica humildemente pela vida do povo, e applica a ferocidade dos barbaros, e faz assim cessar a carniceira.

«Immediatamente corre ao paço, que acha mettido a sacco, occupado por uma officialidade descomedida, e á frente d'esta o general em chefe, que com gesto feroz e ameaçador o declara reo de morte, e decreta o incendio e a inteira destruição da cidade. Ao ouvir tão cruel sentença, o sr. arcebispo sem o mais pequeno sossobro de animo, abaixou a cabeça, como quem offerencia a sua vida em sacrificio; mas pede que esta morte salve o seu rebanho; e o congelado Loison, movendo-se uma vez á compaixão, por achar n'aquelle prelado tanta presença de espirito, ou antes tantas virtudes, que no espaço de tres dias continuos, passados no maior risco e consternação, nunca se desmentiram com um acto de fraqueza ou desaccordo, revoga as ordens que iam executar-se, e sae de Evora entregando-lhe o governo da cidade, e declarando publicamente que em seu obsequio perdoava a morte a todos, e lhes concedia a liberdade.»

Agora treme-nos a mão ao continuar a narração da scena dolorosa de que o arcebispo foi victima, n'aquella idade de oitenta e quatro annos, por um bando feroz de salteadores hespanhoes. Diremos ao de leve que assaltado por elles no seu paço arcebispal, e até no seu proprio gabinete, foi levado preso para Beja, e depois de exposto na praça publica, foi encerrado em estreito carcere, e privado de toda a communicação e soccorro. Assim lhe compensaram aquelle serviço prestado ao povo de Evora!

Finalmente as suas virtudes e innocencia triumpharam, e o principe regente, querendo recompensar-lhe os grandes meritos, fez muitas mercês de honras e interesse a seus sobrinhos, e ás pessoas de sua maior confiança.

Aquelle espirito, porém, tão dolorosamente attribulado, achava-se exausto, e os tres annos que mais teve de vida, foram passados nas enfermidades do corpo, e no decrescimento das faculdades intellectuaes, até que em 26 de janeiro de 1814, a igreja, a patria, e as lettras o perderam, na idade de noventa annos incompletos.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

CONSTANCIA DE JESUITA.

Conclusão.

XXIV

Ao mesmo tempo que Laura debulhada em lagrimas carpia supposta ingratião, Bento de Goes, lá mais ao longe, mandava aos ares eguaes imprecações, accusando a sorte de o ter varrido da lembrança da donzella.

Era assim que elle clamava:

— «Poucos foram os dias em que a ternura e os risos d'aquella mulher me fizeram cara a vida! Extasiado, alheio de mim e do mundo, a contemplava, porque a alma, todo meu pensamento embevecido, se prendia n'aquelle serafim! Sentia que o seu amor me dava toda a exaltação da febre; que seus olhos me sopravam incendios, mas tão doces eram elles, que nas chammas vivia como no ceo! Que delicias era, mesmo de longe, espreitar-lhe um sorriso, quando os labios engraçados emmudeciam, para mim, ou pela distancia, ou por importuna companhia! Sentimento magnetico nos attrahia: se acertava olhal-a, já ella respirando amor me espreitava, e gosavamos d'um encantamento divino! Fixos por largo tempo nos esqueciam os olhos — tempo largo parecia a indifferentes, que para nós discorria lesto, e n'elle tinhamos adiantados já uns longes d'essas delicias ineffaveis, que no futuro o amor nos promettia! Se a face se lhe tingia de rubor, de contentamento me palpitava o peito. Melodias e seducções me vertiam n'alma seus labios innocentes, quando se abriam meigamente!

«De mim tudo parecia confiar aquelle sublime coração; as doces recordações de seus passados annos, os pensamentos do presente, as muitas e deliciosas esperanças do porvir! Mil e mil foram os juramentos de que para sempre me pertenceria o seu amor, como o corpo era irremissivelmente da morte e da terra. Propunha-se-me como exemplar d'amores, n'esse viver de paz e dedicação que ambos almejavamos; e eu de agradecido lhe beijava as mãos pela promettida ternura! Tanta felicidade me assombrava, e superior ao mundo me parecia essa ventura.

«As suas dôres e os seus prazeres sentia-os como se em mim foram. Com alegrias suas me alegrava: pesares seus me entristeciam e magoavam. Às vezes, quando com a fronte desbotada e pallida, a respiração oppressa, o peito arquejante, prostrada e exangue, só movia olhos para alentar o animo que me abandonava; enfeitava-me aquella morbida languidez, aquelle olhar d'angelica candura. Lagrimas e preces interiores eram o unico allivio, que me o coração dilacerado consentia!

«Não me era dado velar aquelle anjo, que tanto e tão pacificamente soffria; animal-o com o cuidado e ternura do meu amor; dedicar minhas forças e minha vida inteira a sentir por elle os tormentos, que perseguiam sua compleição delicada. Era o que eu appetecia... Mas lá estavam os deshumanos respeitos sociaes, que m'o defendiam, arredando-me violentamente da metade mais preciosa de minh'alma! Oh! quanto seria mais afortunado, se nos momentos em que a via padecer tivesse podido sacrificar-lhe o meu vigor e supportar por ella!

«Naturezas, moral e physica, com que nos dotara o Creador, nenhuma havia mais conformes, nem mais para gerar e estreitar sympathias. Dir-nos-hiam nascidos irremissivelmente uma para o outro, e comtudo destino caprichoso nos separou! Que será feito d'ella, da minha Laura? Diz-me o coração que não morreu! Vive... vive ainda... vive radiante e bella como n'esses dias em que lhe ouvi protestos d'amor!

«Resgataram-na os parentes, e na patria me esquece entre alheias caricias?

«Tornaria, com o ascendente da belleza, suave a escravidão em que ainda esteja?

«Porventura tranquilla se lhe escôa a existencia; nova e mais ardente affeição, suggerida pelos ardores do oriente, lhe tem amortecido todas as lembranças da primeira, e d'esses tremendos juramentos, que nol-a garantiam!

«Chegam cada dia ás casas das missões irmãos vindos do mundo todo, mas, por elles, nem sequer nova, nem palavra a respeito d'ella! Não tem lenitivo o peso incomportavel de minhas saudades!

«Diligencias, que hei empregado para pesquisar por toda a parte, qual fóra o destino d'essa mulher adorada, tudo tem sido baldo! Com ella perdi o repouso, o agente da minha felicidade

na terra, e talvez da minha salvação no ceo! Sou condemnado a experimentar por todos os modos os mais horribes martyrios da saudade e do ciúme!

«Ella... ella deslembrou-me, e para sempre! Faz-me correr uma a uma todas as amargas sendas da desgraça. Entre o desprezo de mim mesmo, e do mundo, abandono o corpo á destruição; anticipo a morte, que vejo avisinhar-se! E ella?... que fará? A esta hora viverá entre risos e folias!...»

Sentidissimo gemido cortou aqui a voz do jesuita. As forças, que lhe as jornadas e trabalhos haviam quebrantado, pareciam agora, depois d'entrado em Socheu, exauridas de todo. Perdida a facultade de sentir, jazendo sobre a terra, com os olhos cerrados e a face pallida, só conservava breve calor de moribundo.

O irmão João Fernandes, da Companhia de Jesus, enviado de Pekin, pelo superior o padre Matheus Ricio,



Monumento do general della Marmora.

para o guiar através da China, lhe assistia e cuidava de restaural-o, para que pudessem metter pés em caminho, que ainda pedia alguns mezes de jornada. Mas apesar da dedicação do companheiro, Goes reduzido a extrema fraqueza «com a pelle sobre os ossos» como escreve um antigo historiador, que d'elle falla, ia tocar o termo da sua peregrinação no mundo.

XXV

— «*Deo gratias*» se ouviu á porta do quarto baixo da casa das missões da Companhia de Jesus na cidade de Socheu, na China, aonde jazia enfermo o irmão, coadjutor-temporal, Bento de Goes.

— Entrae, irmão João Fernandes; respondeu de dentro voz dolorosa e sumida.

Correram o ferrolho, a porta rangeu sobre a coioeira, e uma figura alta e descarnada, trajando a roupeta jesuitica, assomou no lumiar. Quem lançasse a vista em torno do aposento cuidaria revelar-se-lhe ali uma mansão de magoas.

— Desde hontem, disse para Goes o recém-chegado, ter-vos-hão acalmado as doenças d'alma, meu irmão? As d'alma, sim, que as do corpo, essas, companheiras da nossa mesquinha natureza, são bem despresiveis!

— Irmão, lhe respondeu o enfermo, deixando cair furtivamente uma lagrima; manifestou-se a gangrena, não ha balsamos que a afoguem. O coração ulcerado desfaz-

se em dôres e sangue, o espirito desconcerta em recordações penosas e tribulação...

— É que o Senhor envia ao seu servo as provações, que por fim o hão de extremar limpo, como sae limpo o trigo d'entre o joio; atalhou Fernandes. Seja feita a vontade do Senhor!

— Amen! continuou Goes. Mas sinto que me dilaceram as entranhas com tenazes de fogo! Tantos annos de penitencia e de cilicio nada foram para apagar-me n'alma o incendio da minha perdição na vida, que a farda de soldado, o claustro e o habito de religioso, não modificaram nunca...

— Fallae baixo, irmão. Vede que é facil que nos ecutem, e esse irresistivel apego ás lembranças e paixões do mundo pode ainda ser-vos funesto!

— Que se me dá? Findo já vae o caminho do desterro: é apparelhar para comparecer ante o Supremo Tribunal. A alma desata todas as prisões do corpo para voar á eternidade. Que me doeram já as correcções da Companhia?

— Sêde resignado com a adversidade, e dissimulae-a em reverencia ao habito que trazeis. Irmão, não succumbae! A fronte nobre e sympathica, a vista animada e penetrante, porque as pregaes no chão? Com baldas esperanças vos ha a desdita rasgado o peito. Todas as misérias que se conspiram contra a carne, aproveitarão das vossas horas de allucinação e de fraqueza para perder-vos. Mas levantaes essa grande alma! A fragua que a enleia, e vos abrasa o coração, apague-a uma paciencia superior aos preconceitos, que deturpam o caminho da vida humana. Que o satanaz do peccado vos não sobrepueje a crença e a piedade; que o espirito da tentação nem ao menos ouse encerrar a religiosa philosophia, a intima austeridade do servo do Senhor!...

João Fernandes calou-se aqui. Contemplou attentamente a physionomia do religioso; viu n'ella transpirar-lhe uma doce mistura de ternura e arrependimento; creu que o animo se lhe preparava para mais santas emoções; e levantando ao ceo o braço descarnado, com aspeito sereno e admiravel, rezou a meia voz:

— *Tomae sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração... porque o meu jugo é suave, e o meu peso leve*, disse o Senhor. Socegae, continuou elle, fallando cara a cara com Bento de Goes; socegae, que em sonho esta noite me pareceu entrever, que ainda em vida lograrei avistar essa creatura, que tanto vos enleia o pensamento.

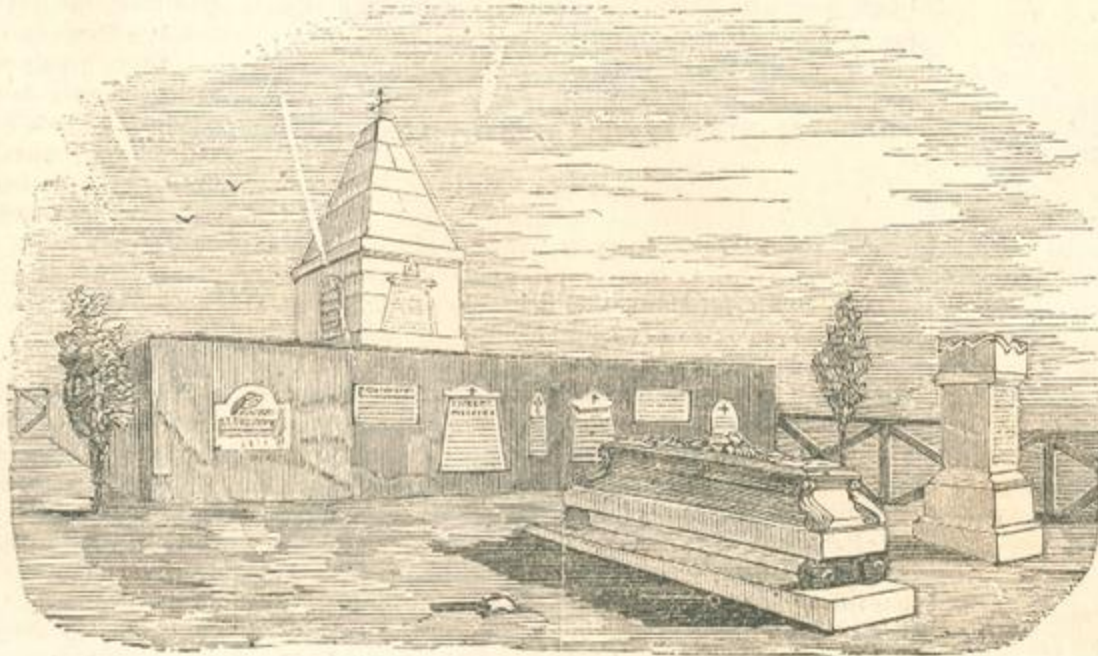
— Que dizeis? acudiu Goes, animando-se mais e mais, como quem renasce diante d'uma idéa d'esperança e salvação. Ella?... ella!... vê-a ainda?... não!... Um dia, um mez, um anno que decorreu, augmentou entre nós esse abysmo de fatal separação, que me mata! Foram illusões o passado: tremendo e mysterioso castigo aguardo do futuro!...

Ambos os jesuitas emmudeceram, fizeram-se estatuas, um pelo padecimento, outro pela austeridade. Cravados n'um crucifixo fronteiro, unico adorno do tristonho aposentamento, estavam os olhos do enfermo. Batalhavam-lhe no espirito a piedade de religioso, a ternura de homem apaixonado e infeliz, e suspirava angustiado.

— Negra e nua d'esperanças, proseguiu Goes, com assento d'amargura, me é toda esta alma; como escuro e forrado de nuvens, que acobertam o sol, está hoje o firmamento. Morreu-me no peito o coração e não sei orar; a intelligencia tresvaria e não se presta a concertar uma supplica. Alimpar-me d'esta lepra, que cobriu toda a poesia e aspirações da vida, já gora não o poderá o tempo. Bulcão destruidor me varre e cresta todos os mais puros sentimentos! Nada ha em mim de real senão o delirio da desgraça!... Desconcerta-se-me a razão com o soffrimento!... Eis-me... o coração está despedaçado... a alma paralytica!...

Estas palavras escaparam-lhe com vehemencia e emoção. João Fernandes aproximou-se do lugar em que, sobre o tijolo da cella, jazia o enfermo, porque receiava muito da sua excitação. Effectivamente Bento de Goes havia desfallecido.

Luta terrivel para a alma é a luta do coração! Perigoso vortice, em que se submerge a humanidade, o amor não é menos a estrella que nos conduz á região do infortunio. Sentimento amargo em suas proprias delicias, fel dos prazeres, escolho da vida, amor, quem ha ahí que te não conheça, e que por ti se não sinta padecer? Paixão, que nos a phantasia sobredoira; sonho terrivel, de que ninguem se apercebe ter de acordar; sobresalto encantador, mas passageiro, como o me-



Monumentos sardos em Balaklava.



O conde Granville.



Lord Wodehouse.

teoro; oirópel fallaz, que pelos olhos levas a insinuação ao intimo peito; és a mancinella peçonhenta, o algoz inhumano da existencia!

De joelhos, João Fernandes aquecia entre as suas, as mãos geladas do infeliz, e deprecava ao ceo.

—Deus! dizia elle por entre lagrimas; minhas palavras lhe abreviaram a vida, sem talvez lhe trazer a contricção! Não desfecheis sobre elle a vossa ira. Caia sobre mim só o raio da justa punição. Chamae-o ao bem estar do ceo, já que na vida caminhou sempre sobre abrolhos e precipicios! Cheio de pejo, Senhor, choro, prostrado ante vós, os meus peccados, unicos culpados das faltas de meu irmão! Olhae com a commiseração de pae a maldade de vossos filhos: dae-lhes unção, dae-lhes perdão e graça!...

Mal acabava a supplica do jesuita, quando a porta da cella se abriu impetuosamente. Como louco entrou alguém em habitos de peregrino. Era Laura, que alcançara saber o domicilio do amante, burlara toda a vigilancia do porteiro, e chegara até'li.

—Onde?... onde está elle?... Deixae que o veja um instante sequer!... Eil-o?... é aquelle?... disse attentando no moribundo, e correndo para elle.

Com forças sobre-humanas pôde a mulher arrear o irmão Fernandes do pé do jesuita, cujas mãos frias beijou e uniu ao coração. Afagou-lhe com ternura a fronte desbotada, e a infeliz caiu ali por terra. Os clamores d'ella tinham allim acordado Bento de Goes, para ver pela ultima vez aquelle rosto tão amado e encantador, que nem por tantos annos acres tormentos haviam descomposto.

—Luiz... Luiz Gonçalves!... Não ouves?... não reconheces o som da minha voz... a tua Laura?... gritava ella afogada em pranto.

A estes nomes, a esta voz, que ecco tão suave lhe fizera sempre no coração, Goes estremeceu, e entreabriu os olhos.

O que então se lhe passou n'alma ninguem o adivinha, mas na lividez das faces resplandeceu-lhe de repente uma consolação bemaventurada.

—Laura... disse elle, fazendo um esforço ultimo, e unindo-a ao peito; vi-te... vi-te ainda!... Hade a morte ser-me agora doce... porque me toma... com a minha Laura... sobre o coração... porque no seio d'ella... exhallo... o ultimo... suspiro...

Depois d'estas palavras, já proferidas com a agonia do passamento, o jesuita tinha expirado. Estava comtudo escripto nas alturas, que ali mesmo, aquelle dia—11 d'abril 1607—abriria sepultura a dois corpos.

XXVI

EPILOGO.

Apoz a ultima scena, o irmão João Fernandes, em pé, com os braços cruzados, a cabeça descaida sobre o peito, absorto em não sei que meditações, estava em frente de dois cadaveres, que jaziam abraçados sobre a terra. Aguardava com paciencia que a noite lhe permittisse dar a ambos uma só, mas sagrada, e occulta sepultura.

Effectivamente Laura, e Bento de Goes tinham cessado de viver, no mesmo lugar, no mesmo dia, e quasi no mesmo momento.

Christãos, orae por elles!

JOSÉ DE TORRES.

NARRATIVAS, LENDAS, SUPERSTIÇÕES E CRENÇAS POPULARES.

CONTO SEGUNDO.

A CAMISA PICADA.

Continuação. (*)

II

AS DUAS COMADRES.

Tinham decorrido tres dias, depois da scena que se passara entre o jesuita, em casa de mestre Jacintho.

Era n'um sabbado, e mal vinha rompendo a alva.

A sineta da igreja da Misericordia de Villa-Vieosa titinava, chamando os devotos mais madrugadores á missa das almas, quando a senhora Quiteria, rigida e santa mulher que vivia em beatifica e insuspeita intimidade com a igreja, pois era ama do cura da matriz, o padre Ignacio, ia já em quinze annos, abria a roseta da sua janella e deitava o nariz de fora, farejando os ares, a fim de se decidir, pelo aspecto da manhã, a ir ou não cumprir a sua devoção matinal.

N'este comenos, uma serva de Deus, embaiucada n'um lenço escuro que lhe mettia o rosto macilento e arrugado, como n'um nicho, e conchegando aos hombros o seu josésinho de laivos cinzentos, atravessava a rua, tendo saído de uma porta fronteira.

Esta ultima creatura parecia recear que a vissem, por-

(*) Do num. 43.

que ao transpor o portal tivera o cuidado de olhar para um e outro lado, como desejosa de evitar algum encontro importuno.

Certa de que a rua estava deserta, accelerou o passo, dispondo-se a ir direita ao seu destino, quando a voz vibrante e intimativa da boa da ama do cura, atalaia madrugadora que não contava já achar no seu poleiro de observação, a veiu tomar de sobresalto com este começo de interrogatorio.

—Já tão cedo? Grande novidade a põe na rua ainda com as estrellas no ceo, senhora Brazia. Á missa das almas não vae vocemecê de certo, pois não é esse o seu costume.

—É verdade que não, minha querida comadre; respondeu a interpellada com apparentes mostras de bonhomia, mas visivelmente contrariada por se ver assim surpreendida e atacada tão de frente pela curiosidade peremptoria da senhora Quiteria, pessoa, como já dissemos, exemplar a muitos respeito, mas que possuia em desenvolvido grau esta feição de character da verdadeira ama de padre.

—Então o que a fez ser hoje o gallo da manhã? insiste a primeira, debruçando-se da adufa, como dispondo-se a ser a depositaria de uma confidencia.

—Pois não sabe o que vae? replica a tia Brazia, vendo que não podia fugir ás explicações pedidas.

—Não; retrucou a outra dependurando-se mais ainda na janella, e animando-se-lhe o semblante já de uma admiração antecipada.

—Hoje pelas duas ou tres horas da noite partiu da terra Agostinho, o sobrinho do tio Jacintho.

—Sim? e para onde foi?

—Para Lisboa.

—Mas que relação tem a partida do sobrinho do sapateiro com a sua saída agora?

—Toda: é que André tambem parte d'aqui a duas horas.

—O que! seu filho?... Então o que vão elles fazer ambos?... Elles nunca viveram bem um com o outro: sempre os conheci como o cão com o gato: e rara é a semana que entre elles não ha rixas e malquerenças e tudo por causa da prima de Agostinho... por quem seu filho morre e estala...

Aqui a ama do cura accentuou a phrase com um tom reprehensivo, e a velha Brazia sacudiu a cabeça com gesto pesaroso e acrescentou:

—Ah! minha querida comadre, não me falle n'isso, que julgo ser essa a mesma razão do meu André o querer seguir!...

—Então tiveram alguma nova briga?

—Nada; o caso é outro... O peor é apertar-me tan-

to á pressa, quando não eu contava-lhe agora tudo, minha querida comadre.

— Mas conte... visinha... Ainda agora são quatro horas e meia... toucou uma vez á missa das almas; não pode ser mais tarde.

— É que ás seis em ponto hade André partir, e... eu com a minha comadre não tenho segredos, accrescentou a senhora Brazia olhando mysteriosamente em roda de si... apesar de faltar só hora e meia para elle se pôr a caminho, ainda nem dinheiro tem para a jornada... Eu agora ia a casa do belfurineiro da rua Grande, do Jacques corcovado, a ver se elle me empresta quatro moedas de ouro sobre este crucifixo de prata...

— Ai! filha, pois você hade ir empenhar a imagem de Jesus nas mãos d'aquelle judeu!

— Pois que quer, se em casa não ha um real, e André diz-me que toda a sua sorte depende d'esta sua ida a Lisboa?

A esta replica, a ama do cura ficou um pouco perplexa e pensativa.

— A sua sorte!... resmungou ella, cravando os olhos na comadre, como querendo devassar-lhe todo o intimo. É singular!... Em summa conte-me o que se passa, que eu talvez lhe possa evitar os passos que vae dar, e quem sabe se conseguirei poupar-lhe alguns trabalhos, pois que seria de vocemecê, comadre, se o santo officio soubesse da sua acção de pôr de penhor nas mãos de um judeu a imagem do Crucificado? Era negocio de fogueira... não lh'o faço por menos!

Esta ameaça cominatoria foi soltada quasi com o entono e fulminação de um inquisidor geral.

A velha Brazia correu-lhe um calafrio por toda a espinha dorsal, ao ouvir esta ultima observação. Com um gesto instinctivo agarrou a si o objecto que levava embrulhado, traçando o josésinho, como se quizesse occultar o segredo que indiscretamente revelara. O susto estava-lhe pintado no semblante. Tremia-lhe o queixo e nem atinava com uma desculpa.

— Que é isso?... Julga-me algum familiar da inquisição? nota a senhora Quiteria, sorrindo do medo que incutira no animo da velha. Não tenha receio. Fiz-lhe esta observação, levada do amor de Deus, e para bem seu. O risco em que ia incorrer era grande. Ha muito quem nos queira mal, filha; e as acções mais isemptas de maldade são muitas vezes eivadas de fel pela inveja ou pela maledicencia das linguas damnadas. E aqui que ellas não faltam!... Olhe, entre, que o dinheiro talvez se arranje sem compromettimento para ninguem; mas primeiro quero saber esse negocio a fundo.

A estas palavras a velha Brazia desfranziu-se-lhe a testa, sobre que pesavam as sombras do receio que lhe perturbava o espirito.

A porta foi aberta, e as duas comadres acharam-se em frente uma da outra, n'um espaço terreo que dizia para a escada, o qual era alumiado apenas pela claridade ainda frouxa da madrugada, que se coava por uma rotula que a senhora Quiteria abriu, e que deitava para um pateo interior.

N'esta quadra sombria e bafiosa não havia por mobilia senão duas grandes arcas.

— Olhe, entre para aqui, visinha. Não é preciso que saibam o que nós fallamos.

Isto dizia a ama do padre Ignacio convidando a sua comadre a entrar.

As duas sentaram-se sobre uma das arcas.

— Ora agora vamos a saber a sua historia.

A velha Brazia começou assim:

— Quarta-feira á noite, seriam dez horas, o meu André tinha acabado de pregar uma abetoadura n'uma vestia de velludo roxo do sr. commendador Menezes, quando lhe deu para ir tomar um pouco de ar á janella. Ora a janella do quarto d'elle deita mesmo para o cunhal da alpendrada, em frente da casa do tio Jacintho. Não se demorou um credo que eu não o visse erguer-se, correr á porta de mansinho, e sair. — O rapaz! que é isso?... exclamei sobresaltada. Que vae fazer?... — Mas um dedo na bocca, foi toda a sua resposta.

— Ora essa! E então saiu? diz a ama do cura, sem poder reprimir esta manifestação de pasmo.

— Saiu, continuou a outra.

— E vocemecê, comadre?

— Eu fui até á porta, e depois como o visse cosido com o portal do sapateiro, temi de alguma nova arenga com aquelle empantufado do sr. Agostinho, e cheguei-me tambem.

— E então?

— Então?... mal ia a chegar-me, André fez-me um gesto de silencio... e depois, apontando-me o buraco da fechadura da porta do tio Jacintho, disse-me: — espreeite — e eu espreeitei.

— E que viu?

— Ao principio não pude ver bem o que se passava, porque do lado de cá da luz estavam dois vultos de homem em pé... um conheci eu logo por Agostinho, mas o outro conservava-se embuçado e de costas...

— Embuçado!... ás dez horas em casa do tio Jacintho! Quem seria?... prorompe a senhora Quiteria, sorvendo uma estrepitosa pitada de simonte, e cada vez mais aguçosa de curiosidade.

— Já o vae saber, comadre. Ora espere. Eu que ia para despegar os olhos da fechadura, que vejo o tal em-

buçado estender a mão para o sapateiro, e este aceitar: olho de novo: era uma bolsa.

— Uma bolsa!... Você viu bem, senhora Brazia? exclama de novo a ama do cura, cada vez mais atçada pela estranheza da historia.

— Se vi; e vi mais!... N'este comenos, o sapateiro ergue-se para abraçar o homem do capote negro; este volta-se de lado... e quem heide eu ver, comadre?... diga, quem heide eu ver?...

— Eu sei lá! retruca a velha Quiteria, dispondo-se quasi a fazer o signal da cruz, e a invocar todos os santos da sua devoção. Viu por ahí Belzebu em figura de homem, ou coisa que o valha?

— Qual Belzebu!... Vi... vi, replica a mãe de André, chegando-se ao ouvido da ama do cura com todas as mostras de mysterio; vi o padre Balthazar...

— O que!?... o jesuita?

— Todo inteiro.

— Pois esse homem ainda apparece aqui?... Ah! que se o padre Ignacio soubesse!... Elle que o perseguiu tanto quando foi aqui visitador... Olhe, comadre, ajunta a velha Quiteria, reluzindo-lhe nos olhos um pensamento sinistro; agora pode contar comigo para tudo que seja contrariar e perseguir esse maldito jesuita. Se a ida do seu André a Lisboa tem alguma relação com isso, o caso corre por minha conta.

— Eu creio que sim, responde a velha Brazia, porque André, mal eu lhe disse o que tinha visto, fitou os olhos ao buraco da fechadura da porta do sapateiro, e só largou do seu posto, quando o rumor de passos nos denunciou que algem se aproximava da porta. Então retirámo-nos, e já de dentro de casa, com a luz apagada, vimos sair o jesuita. Depois André ficou a fallar só, e a parafusar em coisas que eu não percebi. O que elle ouviu não sei, mas sei que foi coisa de monta, porque o traz como alheado de si. Hontem de manhã, sem me dizer nada, vi-o vestir com o melhor fato que tem, e sair: fui espreeital-o á janella, e vi-o entrar para casa do mestre Jacintho. D'ahi a uma hora voltou. Vinha afogueado: os olhos faiscavam-lhe como os de um gato no escuro, e a voz tremia-lhe. Foi por certo grande arenga que lá teve. «Podes estar certo que m'as hasde pagar... Estás mais na minha mão do que pensas...» foram estas as unicas palavras que lhe pude ouvir.

— E a quem se referiam ellas?

— Não sei... mas creio que a algum dos sobrinhos do velho... talvez a Carlota. O certo é, que depois d'isso declarou-me que ia sair de Villa-Viçosa, e hontem á noite disse-me, sem mais prevenção, que partia hoje e que lhe arranjasse quatro moedas de ouro, e deu-me este crucifixo para empenhar. Aqui tem, minha comadre, toda a minha afflicção, porque sempre lhe digo, que vejo aqui desgraça seja em que fór.

— Pois, filha, a minha palavra não torna atraz. As quatro moedas eu lh'as vou dar; mas com uma condição...

— Diga, comadre.

— É que tudo que fór occorrendo m'o hade contar... E sobretudo se souber mais novas do padre Balthazar... quero-as saber... É cá uma divida atrasada que desejo pagar.

N'isto a velha Quiteria saiu, e d'ahi a pouco voltou com o dinheiro.

— Aqui tem; accrescentou, contando para a mão de Brazia as quatro moedas. O crucifixo fica, não como penhor, porque em casa do padre Ignacio não se faz negocio de onzena, e muito menos com a imagem do Redemptor; fica... como... como uma lembrança. Agora adeus... e não se esqueça.

As duas comadres separaram-se.

«Continua.

ANDRADE FERREIRA.

O CONDE GRANVILLE, EMBAIXADOR EXTRAORDINARIO Á RUSSIA, E LORD WODEHOUSE.

Os dois representantes da Grã-Bretanha na magnifica cerimonia da coroação do czar Alexandre II foram o conde Granville, na qualidade de embaixador extraordinario *ad hoc*, e lord Wodehouse, ministro plenipotenciario na corte de S. Petersbourg. O primeiro desempenhou missão similhante á de seu pae quando em 1804 foi enviado por embaixador extraordinario e ministro plenipotenciario á Russia. Nasceu em 1815, e tendo tomado o ultimo grau de formatura em 1834, no anno immediato seguiu seu pae a Paris na qualidade de addido á embaixada; sendo por vezes eleito membro do parlamento, onde sempre apoiou o partido liberal assim como tem sido strenuo propugnador da doutrina do commercio livre, entrou na camara dos pares por successão em 1846. Pela retirada de lord Palmerston em 1851 foi encarregado da pasta dos negocios estrangeiros, que conservou até que se dissolheu o ministerio. Actualmente occupa muitos cargos importantes.

Lord Wodehouse, cujo retrato vae tambem no presente numero, é um diplomatico habil, membro distincto da nobreza, e seguidor de uma politica leal e firme.

M.

ORIGEM DA PALAVRA CARIATIDES.

Tendo os habitantes da Caria feito liga com os persas contra os outros gregos, estes subjugarão os primeiros, e passaram os homens ao fio da espada, fazendo escravas as mulheres, e obrigando as infelizes a conservarem os seus compridos vestidos e ornatos, como em expiação d'aquelle crime.

Os architectos, na sua santa indignação contra os traidores, substituiram ás columnas e pilastras mulheres vestidas como as *cariatides*, para transmittir á posteridade a memoria do seu captiveiro, e da infame traição que lhe deu causa.

Honra ás artes! Nunca uma punição mais severa deu ao mundo mais terrivel lição de patriotismo!

Tal a origem da palavra *Cariatides*, que se applica desde então, tanto na esculptura como na architectura, a todas as estatuas de mulher, todas ou parte vestidas, e que se collocam, em logar de columnas, para sustentar os entablamentos.

APHORISMOS.

A cegueira leva a libertinagem a ponto de caprichar da sua immoralidade.

Ha linguas, que nos dão uma exacta idéa do moto continuo.

Na lingua se sentem os sabores; da lingua provém mil dissabores.

Nada ha mais seductor, que a lisonja: é sereia, a cujo canto ninguem cerra os ouvidos.

Quando é habil o thurificador, o incenso da lisonja se torna aromatico, e encantador.

É mais proficua a correcção dos sabios, que o incenso dos aduladores.

MORAES DE CARVALHO.

LITTERATURA DRAMATICA.

O SAPATEIRO DE ESCADA.

Continuação

SCENA X.

ENGRACIA, ANGELICA, JOSEFA.

ENGRACIA.

Ai!

ANGELICA.

O que é, mamã, o que é? (*amparando-a*) Esta casa é de agoiro. Valha-me Deus que está desmaiada, e eu sózinha aqui com ella!

JOSEFA.

(*Apparecendo no patamar.*) O que foi, menina Angelica, o que foi?

ANGELICA.

(*Chorando*) É a mamã que me morrê nos braços!

JOSEFA.

(*Fallando pela fechadura da porta.*) Olhe; desaparete-lhe já, já, o collete; dê-lhe a cheirar uma pouca de lâ queimada, e se tem em casa uma mão de toupeira, faça-lhe uma esfregação, que isso hade ser da espinhela, e passa.

ENGRACIA.

(*Voltando a si e com voz fraca.*) Com quem fallavas tu, Angelica?

ANGELICA.

Com a visinha aqui da ilharga, que se veio offerecer para o que podesse prestar.

ENGRACIA.

(*Furiosa*) Isso é pé de cantiga! O que ella quer é metter o nariz cá em casa, a ver se me dá quebranto.

ANGELICA.

Coitada da creatura! Estou convencida que não pensa em tal.

JOSEFA.

Ora quando heide eu deixar de ser tola?!

ENGRACIA.

Elle! Era elle! O Anacleto!!

ANGELICA.

Quem mamã? Quem era? Anacleto é o visinho aqui da escada.

ENGRACIA.

Leva-me para dentro, filha. Vaes saber o meu segredo: quero-te contar a historia d'esta infeliz paixão.

ANGELICA.

(Aparte) D'esta paixão! *(Dando-lhe o braço)* Então vamos, minha mãe, vamos. *(Mette-a para dentro, e vem fechar a janella.)*

SCENA XI.

JOSEFA, E DEPOIS O SAPATEIRO.

JOSEFA.

Agora vejo que só sabia metade da historia! Ora a carcaca! Bem diz o ditado: «o que o berço dá a tumba o leva!» *(Canta)*Com sessenta e tantos annos
Que tem a bicha-cadella,
É loucura não ver ella
Nas rugas os desenganos!*(Entra rapidamente para casa, e vai á janella)* O mestre José Pardal, mestre José Pardal.

SAPATEIRO.

O que é lá, minha joia?

JOSEFA.

Aperte as ilhargas, que rebenta de riso!

SAPATEIRO.

Venha lá isso. Antes rir do que chorar.

JOSEFA.

Pois não quer você saber como a visinha tem o côco vasio! Ha boccadinho sae cá de casa o patrão para ir dar uma volta, e a d'aqui, *(Indica o lado)* chega á janella, vê-o, dá-lhe um fanico, e começa a berrar: «Elle! É elle!! É o Anacleto!!»

SAPATEIRO.

Muito me conta você, sóra Josefa! *(Como quem se recorda)* Ai! ai! ai! que aind'agora eu caio em mim! Pois senhora, é a mesma de quem elle tambem me fallou!

JOSEFA.

Olhe, tambem por onde eu lhe pegue, lhe peguem os lobos. Deus me perdoe se é falso testemunho; mas o homem tem espinho, e grande, na consciencia.

SAPATEIRO.

Elle teve suas rapasiadas, teve.

JOSEFA.

A quem você o diz! Elle tem peccado que lhe doe na santa casa da misericordia! Pensa elle talvez, que os mais são tolos, e que não entendem as taes esmolhas que elle dá para a infancia desvalida! Ninguem me tira da cabeça que é restituição.

SAPATEIRO.

E depois não é só isso. É que estes amores que não vão á egreja parecê que não medram, e que os espreita o Tinhoso! Você perdoe-me, sóra Josefa, mas eu no seu caso apertava o patrão para o setimo sacramento.

JOSEFA.

É a minha matança de todo o anno, do Natal ao S. João, e do S. João ao Natal. Sabe o que elle me responde sempre? «Olha, Josefa, o boi solto lambe-se todo!»

SAPATEIRO.

E elle, alarga-se com algum vintem?

JOSEFA.

Lá isso são dentes que lhe tiram da bocca, mas não tenho razão de queixa. Tenho a minha meia duzia de loi-

ras ao canto da arca, dois capotes que se fecham aqui, *(Aperta a mão)* umas arrecadas que pesam menos mal, e tres cordões d'oiro que elle mesmo me botou ao pescoço. Mas, para isto tudo, teem sido toirinhas de canastra!

SAPATEIRO.

(Aparte) Um casamento com uma maxuxa d'esta ordem é que me tirava o pé do lodo. *(Alto)* Você fez bem em se segurar, porque me está cá parecendo que o homem foi vinha que já deu uva.

JOSEFA.

Pela porta tambem é que é a saida. Quem quer escravas compra-as.

SAPATEIRO.

Pois dando-me licença, e perdoando-me a limitação, desejava offerecer-lhe um registro da santa e devota imagem da Senhora da Penha, que é voz constante que não deixa desandar fortuna, e então eu...

JOSEFA.

Acceito com as mãos ambas. Andava morta por ter um dos taes registros, e já o havia encomendado ao meu pobre das sextas-feiras.

SAPATEIRO.

E como quem dá o mais dá o menos, peço-lhe que me acceite tambem uma maçaroca d'alfazema nova, que é do ultimo Santo Antonio. Você com ella perfuma a sua roupa branca, e eu digo-lhe a trova que anda inclusa, e que, com sua licença, reza assim...

JOSEFA.

Logo, mestre, logo. Vou deitar um pucaro d'agua na panella antes que se me pegue.

SAPATEIRO.

Então fica dito; cá a espero.

SCENA XII.

O SAPATEIRO, ANGELICA, E DEPOIS JULIO.

SAPATEIRO.

(Recolhendo-se) A Josefa foi uma mina que me appareceu! Guardado está o bocado para quem o hade comer. *(Balendo na testa)* E eu que ainda não entreguei a carta do outro!

ANGELICA.

(Abrindo a janella) Mestre, ó mestre! *(O Sapateiro apparece)* A mamã pegou ha boccadinho no somno, e então se me quer entregar o bilhete é agora boa occasião.

SAPATEIRO.

Olhe, o mais seguro é botar cá baixo linha, que isto de andar a subir, e a descer degraus, tem seus contras.

ANGELICA.

Pois então lá vae. *(Tira da algibeira um novello, e uma tesoura, e solta para baixo a linha. O Sapateiro pega n'uma sovela, e fura a carta n'um dos angulos. Em quanto dura esta operação, Angelica canta:)*Ora até que, finalmente,
Vou saber se é seu intento
Andar n'isto eternamente
Ou pensar no casamento!

SAPATEIRO.

Puxe, menina Angelica. *(Angelica puxa a linha, e, quando chega acima, corta-a com a tesoura. Apenas a carta sobe, o Sapateiro vem á porta querendo-a reter outra vez)* Esquecia-me do melhor.

ANGELICA.

Então o que é, mestre?

SAPATEIRO.

(Mette a mão á algibeira, e tira um ramo de amores-perfeitos, já seccos) Este raminho d'amores-perfeitos, que diz elle que ainda são menos dos que elle sente pela menina.

ANGELICA.

(Desdenhosa) São coisas que os homens dizem! Em que estado elles estão, coitados! Se os d'elle mão são mais viçosos!...

SAPATEIRO.

(Indica a algibeira) É que me seccaram, aqui na estufa.

ANGELICA.

Diga-me com franqueza, sr. José Pardal, o que pensa do meu rapaz?

SAPATEIRO.

A gente vê caras, e não vê corações. Mas, uma coisa lhe digo eu; é que quem lhe quizer dar volta hade ter queimado as pestanas.

ANGELICA.

Sim?

SAPATEIRO.

Est'outro dia, estava aqui um freguez, que é doutor, e mais o barbeiro ali da esquina, que tem lume no olho. Cae a conversa sobre o *manipolio* do sabão. O rapaz sempre disse coisas e mais coisas, que até os outros dois disseram, que era uma pena não o prantarem n'uma lista para S. Bento.

ANGELICA.

Não duvido. Mas de que me interessa mais saber é d'isto... *(Indica o coração)*.

SAPATEIRO.

Os signaes são bons. Ora agora pôr as mãos n'umas Horas, isso não ponho eu por homem nem por mulher.

ANGELICA.

Os signaes é que eu não sei quaes sejam! Escrever custa tão pouco!...

SAPATEIRO.

Por isso elle diz que deseja *fallar-lhe vocalmente*. O rapaz já esteve nos Brazis, e é de se ficar de queixo caído, quando elle se põe a contar o que come todo aquelle gentio, e as alcunhas que elles nos prantam por lá!

ANGELICA.

Eu não se me dava fallar-lhe; mas, como elle é assim desembaraçado, tenho medo...

SAPATEIRO.

Pois em elle tornando por ahi a apparecer, eu faço-lhe costas, metto-o para a escada, e cá fico á porta a tomar sentido. Mas, pelo amor de Deus, não me comprometta. Eu sou um homem estabelecido, e tenho que perder.

ANGELICA.

(Debruçando-se muito) Lá vem elle! Se quer a entrevista, hade ser agora. Diga-lhe que lá o vou esperar á porta. *(Entra para casa, e fecha a janella.)*

SAPATEIRO.

Isto de raparigas, são como os pardaes; em vendo trigo na eira...

SCENA XIII.

SAPATEIRO E JULIO.

JULIO.

(Entrando para a escada) Então que arrufos são estes, mestre? Então ella porque me vê esconde-se!

SAPATEIRO.

Ora dê cá esse abraço, e bem chiado. Agora venham as alviçaras, que a noticia é de arromba.

JULIO.

Então o que é? Ella escreveu-me? *(Mette a mão á algibeira, e dá-lhe dinheiro.)*

SAPATEIRO.

Isso de pôr o preto no branco, não está ella para ahi virada. Mas, suba por essa escada a riba e vá com os anjos. Olhe que isto custou-me ameixas de conserva!

JULIO.

Então, Angelica consente?

SAPATEIRO.

Não lhe digo mais nada, senão que suba, e não me

comprometta. Eu sou um homem estabelecido, e tenho que perder.

JULIO.

(Canta) Inda mesmo que esta escada,
Que tem doze degraus só,
Subisse tão impinada
Como a escada de Jacob:

Para ver a quem estimo
Subiria ao sexto andar,
E nem mesmo lá no cimo
Eu deixaria de amar.

SAPATEIRO.

(Canta) É assim que todos fallam,
Antes da lua de mel,
Mas depois, quando se entalam,
Ai, meu Deus, que é tudo fel!

Continua.

CHALET NAS ILHAS DO NEVA.

O chalet ou cabana suíça é uma casinhola feita de troncos d'árvores e tabuas, coberta de colmo, habitação dos montanhezes na Suíça; dá-se especialmente este nome áquellas onde se fabricam os queijos, que no inverno estão desertas, e na estação dos pastos tornam a ser frequentadas. O aspecto pittoresco d'estas pequeninas construções motivou serem modernamente adoptadas para ornamento dos parques e jardins. D'este ultimo genero é a que o nosso desenho representa, copia de uma das innumeraveis e elegantes, disseminadas nas ilhas do rio Neva, e adorno das cercas de casas de campo, que ali possuem os moradores abastados de S. Petersbourg.

Esta capital da Russia pode em certo modo considerar-se a Venesa do norte pela multidão de canaes que ali transportam desde o manancial de seu rio Neva (o lago Ladoga), do Baltico e do interior enormes barcos carregados do combustível para consumo de cidade tão populosa, e de materiaes de construcção naval, que se faz em larga escala. Pos esse meio facil e pouco dispendioso chegam as lenhas quasi ás portas das casas.

Os passeios no rio, quando a estação o permite são dos maiores recreios dos habitantes de S. Petersbourg, onde é uso dizer-se: — «Vamos passear ás ilhas, vamos passar o verão nas ilhas.»

Cumpra saber que essas pequenas ilhas não são menos de quarenta em todo o delta do Neva, e algumas ainda que mettidas quasi no recinto da cidade estão desertas e as inunda o mar e o rio; n'outras ha os paioes de polvora e armazens de deposito; muitas tem casas de campo, e d'estas as mais notaveis, e a que especialmente nos referimos, são as cinco denominadas *ilhas-jardins*, situadas um pouco ao noroeste de S. Petersbourg; a dos boticarios é assim chamada em razão do seu horto botânico.

M.

MONUMENTOS DA CAMPANHIA DA CRIMEA.

Entre os monumentos que as tropas sardas deixaram na Crimeia em honra dos seus mortos, o mais notavel é o tumulo consagrado ao general Alexandre Ferrero della Marmora, irmão do ministro da guerra e commandante da expedição, Alfonso della Marmora, conhecido pelos seus talentos e escriptos. Tambem é digno de menção o do general Ansaldi.

Como a este respeito nada ha que accrescentar e os desenhos dão perfeita idéa dos objectos, continuaremos aqui a narração começada no num. 40.

Os ferozes scythas dominaram na Taurida até 380 annos antes da vinda de Christo, e que soffreram a devastadora irrupção dos sarmatas, que passaram como uma torrente, semeando estragos. Porém, em quanto os barbaros das duas margens do Don vinham alternativamente ensanguentar o solo da Taurida, as colonias gregas ganhavam forças para reprimil-os e começaram a estender seu dominio pela terra dentro; Kherson arredondava o seu territorio, elegendo para governal-a archontes, que não obstante o titulo ambicioso de reis que ás vezes tomavam, não eram mais de que os primeiros magistrados de uma republica, subjeita á metropole. Panticapea (hoje Kertch) engrandecia-se e tornava-se centro industrial e florecente; os milesios, que a fundaram, afinal se alliaram com os scythas das planicies e da sua agglomeração resultou um povo activo e commerciante, que achando-se apertado nas muralhas d'esta cidade e nas de Fanagoria em a fronteira ilha de Taman, reconheceu a necessidade de alargar suas relações, e de submeter-se a uma vontade unica e poderosa, capaz de tomar as providencias que exigia a posição de colonias collocadas nos confins do mundo então civilisado (entrada do mar d'Azoff), e tendo sempre á vista as nuvens de barbaros da Asia em continuo estado de aggressão. Este pequeno estado, a principio organiado sob a forma republicana, que ás suas possessões na península de Kertch reunia um territorio igual na costa d'Asia, foi depois constituido reino por Leucon, cuja dynastia, tambem de origem grega, é conhecida na historia pela denominação de leuconiana; mais feliz do que muitos reinos poderosos, este modesto estado assim se

conservou nada menos de oito seculos; porquanto os romanos que depois dos gregos foram os protectores, ou para melhor dizer suzeranos d'esta coroa, pensaram que lhes era mais vantajoso deixar subsistir com seu governo proprio esta sentinella avançada da civilisação do que dominarem ali por suas leis e proconsules.

E todavia, em tão largo periodo, não deixou o pequeno reino do Bosphoro de ter bastantes revoluções e vicissitudes, havendo na longa serie de seus soberanos muitas mudanças de dynastias; conservou-se, porém, sempre a mesma forma de governo. O famoso Mithridates lhe trouxe a era denominada pontica.

Continua.

M.

CHRONICA SEMANAL.

Torna o asterisco signatario novamente á scena ao cabo de quinze dias contados da ultima vez que teve a honra de vos fallar, respeitabilissimos leitores. Agora o asterisco pede-vos maior praça, porque vem mais carregado do que um belfurinheiro ambulante. Traz fazenda de gosto para toda a qualidade de freguezes. Louvado Deus que a safra foi excellente esta semana.

Principia annunciando-vos a publicação d'uma chuva de folhinhas e repertorios para o anno que vem. Bem entendido que é o de 1857, primeiro depois d'este bissexto que ainda vamos atravessando, e que não tem sido lá dos melhores bissextos. Para não seguir o estylo dos *Lunarios perpetuos e Bordas d'agua*, o asterisco remette-se a silencio em quanto aos prognosticos. Quem quizer e tiver pecha para elles, consulte aquelles fosseis reguladores dos octogenarios e octogenarias, que lá encontrará de sobra com que recrear o espirito.

Aposta o asterisco que desejaes interrogal-o sobre qual dos Almanaks deva ter a preferencia!... A pergunta seria adequada, se porventura se não dirigisse a nós. Filhos da imprensa, e sendo uma parte integrante d'esses malfadados typos fundidos que os autores e compositores, (gente rabida) ali manuseam diariamente, como nos poderemos pronunciar por qualquer d'elles, quando a impia mão de um impressor (os assassinos da nossa litteratura) nos pode esborrar no prelo, só pela zanguinha de nos fazermos mais parciaes com uns do que com outros? Valha-nos o *santo breve da marca*, que só este pensamento é para assustar mais do que as notas que o barão Brenier acaba de enviar a Napoles, explicando os motivos porque se retiram da corte das Duas Sicilias os embaixadores acreditados da França e da Inglaterra, — notas que não apresentamos aqui por certas razões de conveniencia, e tanto mais que o leitor facilmente as pode encontrar n'esses papeis partidarios, que vivem de reciprocamente se lapidar, como se a epoca fóra caracteristica de Santos-Estevãos; e que d'este diario pugilato assumiram, por ironia, o titulo de *politicos*! Se fallassemos aqui na esquadra ingleza, que por causa da pendencia napolitana, já as gazetas dão estacionada em Malta, — essa famosa possessão da Grã-Bretanha, cujas fortificações estão hoje em grande parte damnificadas por causa dos repetidos abalos da terra que ali houve no mez passado, — ou se fallassemos da franceza, que segundo a grave opinião de gente mui seria ainda se não moveu de Toulon, bem poderiamos fugir para Castella a sete pés com medo do *abrenuntio* de algum leitor menos indulgente.

O asterisco disse a *sete pés* porque ainda não temos caminhos de ferro que nos levem a Castella. Comtudo a falta não provém de mingoa em bons desejos. Assim mesmo tambem não somos d'aquellas nações que n'este ponto mais temem de que se queixar. O imperador Faustino I ainda não teve a honra de ver correr pelos seus estados do Haiti uma locomotiva; e nós, graças á Providencia, já temos tres que correm até ao Carregado! Verdade é que chegando ali estacam por cansadas, quando lhes não dá na cabeça emperrar no transitio, como succedeu na festa da abertura solenne do caminho de ferro de leste, a qual teve lugar no dia 28 do mez passado. As jovens locomotivas, que n'este dia puxavam os wagons, na volta para Lisboa amuaram em Sacavem, e pareciam resolidas a não regressar aos patrios lares de Santa Apollonia.

Era birra de creanças, porque n'esse mesmo dia tinham sido baptisadas por sua eminencia, que graciosamente lhe poz os nomes de *Santarem, Coimbra, e Lisboa*. Alguem disse que ellas pareciam resolidas a voltar para o Carregado com o cheiro nos restos do esplendido lunch que a Companhia lá deu aos seus convidados; o que o asterisco não acredita, porque foi tanta a concorrencia que nem os logares chegaram para os gastronomos saborearem em commodo triclinio as delicias da arte culinaria. De mais a mais com tão bons freguezes não era de esperar que os sobejos fossem muitos, apesar da Companhia não ter sido das mais parcias em despezas, pois na festa gastou para cima de cinco contos de réis.

Voltando ás locomotivas. Se não fóra mr. Cousin, que é o engenheiro em chefe dos *Caminhos de ferro de Cintra*, e serue interinamente na mesma qualidade nos *de leste*, parece-nos que ainda até hoje estariam emperradas em Sacavem, porque rebentados os tubos, segundo é voz e fama, não havia força sufficiente para conduzir a Lisboa aquelle immenso comboy. Mr. Cousin dividiu-o em dois, e conduziu a primeira porção, onde vinham suas magestades, que chegaram a Santa Apollonia pelas seis

horas e um quarto, e volveu depois em demanda do resto, que chegou com os convidados mui contentes e satisfeitos a Lisboa pelas oito horas da noite. Excepto este pequeno precalço, as carruagens tem continuado a correr bem pela via ferrea, sendo bastante concorrida pelos passageiros que vão attrahidos pela novidade, ou impellidos pela dura lei da necessidade.

Vae haver uma novidade na indomavel republica dos tradutores de romances e obras varias. É a apparição da *Livraria Economica*, que nos dá leituras recreativas e instructivas (segundo promette) com metades de bilhetes da loteria da santa casa da misericordia, todos os quinze dias, a quem assignar a publicação, que constará d'uma folha de oito paginas em quarto portuguez, pela modica quantia de doze réis! Isto prova o gosto pronunciado que nós temos pelas leituras, que ainda é necessario para nos despertar o appetite adubal-o com estas especiarias do joguinho. Para os outros promenores o asterisco remette o curioso á livraria da rua Nova do Carmo num. 42, que é onde se assigna.

Agora por publicações. Já se publicou o primeiro tomo da *Collecção dos Tratados, Convenções Contratos e Actos publicos*, celebrados entre a coroa de Portugal e as mais nações desde 1640 até ao presente.

Sua magestade el-rei o sr. D. Fernando, na sua primeira visita á Academia das Bellas-artes, que teve lugar no dia 25 do mez passado, comprou todos os quadros novos que o sr. Metrass este anno ali expoz.

A exposiçao da Academia merece um artigo especial, porém não podemos desde já deixar de repetir a censura tantas vezes feita, de que o edificio se não accomoda ao objecto.

Em nossa opinião as joias d'esta exposiçao vem a ser o «Baixo Relevo da Cholera» do sr. Bastos — «A leitura d'um romance» pelo sr. Metrass — «A volta do trabalho» pelo sr. Annuniação — «O retrato d'El-Rei» pelo sr. J. Rodrigues — e os quatro baixos relevos do sr. Frederico Augusto de Campos, gravador da Casa da Moeda.

Aqui deixamos consignado para honrada memoria da sr.^a Quiteria Maria Lacerda de Carvalho, que é mulher de Simão José de Carvalho, segundo sargento de veteranos, o acto varonil e generoso de que acaba de dar provas. Esta heroína salvou no dia 21 do passado, em Cascaes, de uma morte inevitavel, duas mulheres que se achavam com ella no mesmo banho. Outra não menos digna de transmitir seu nome á posteridade é Lucia Candida da Silva, que acaba de ser recommendada á protecção do governo pelo governador civil da Madeira. Achavam-se ali insepultos havia dias, no cemiterio das Angustias, trezentos cadaveres, e aquella, viuva do guarda do mesmo cemiterio, andou durante a noite, com um archote na mão, animando e ajudando os homens que desempenhavam a triste missao dos enterramentos. Estes actos, são dignos de louvor e de recompensa; oxalá que se lhes dê.

O asterisco acaba de saber com muita satisfacção que o mundo vae crescendo. Os jornaes inglezes trazem a satisfatoria noticia de que o capitão de um navio americano, na sua passagem das ilhas Fegi a Shanghai descobriu uma nova ilha. Está situada a 8° 20' de latitude, e 167° 46' de longitude. É pequena, e o solo arenoso, e coberto de mattas. Acha-se deshabitada e cercada de recifes de coraes que occupam perto de uma milha da praia, e se avista a quinze milhas. Já que estamos fallando do mar, sempre diremos que n'estes dias desde a nossa Vianna até Espinho tem havido na costa tal abundancia de peixe, que os pescadores e as redes mal lhes tem podido dar aviamento, com o que esta pobre e laboriosa gente anda na faina entoando canticos de alegria. Entre o pescado que trouxeram para terra houve um congro que pesou tres arrobas e meia!... Mas o que são as coisas do mundo! Para uns tudo, e para outros nada! Emquanto aquelles pescam grosso, os de Aveiro vae por um mez que nada saccam do mar, e ainda para mór desgraça ha poucos dias que lá ficaram sete no pego, victimas de uma tormenta.

Mas se o mundo cresce por um lado, por outro estamos ameaçados d'um terremoto. Aquelle celebre Egypto tão bem fadado nos tempos da antiguidade, foi abalado no dia 12 do mez passado, por um fortissimo tremor de terra. Só no Cairo desabaram duzentas casas, e nada menos de trezentos mil habitantes estavam, á data das ultimas noticias, vivendo acampados fora da cidade. Rhodes ficou devastada, e a sua fortaleza ameaça ruina.

Os nossos amigos inglezes, que são homens graves e sisudos, e que se não empregam em coisas frivolas quando tratam de objectos serios, tem aqui no nosso Tejo uma esquadra, no que não damos novidade. Trouxemos, porém, o caso a pello para dizer que no dia 1.º do corrente, parte da tripulação das suas naus foi nas lanchas e escaleres fazer exercicio de fogo em frente do porto de S. Lourenço na outra banda. Manobram para um ataque simulado á praia.

Agora por inglezes, o shah da Persia acha-se em muito boas disposições, por indução do embaixador francez n'aquella corte, de fazer pazes com a Inglaterra.

No theatro de D. Fernando está em scena o *Martyr*, drama original do sr. Lacerda. Nos demais theatros não houve coisa digna de mencionar-se.